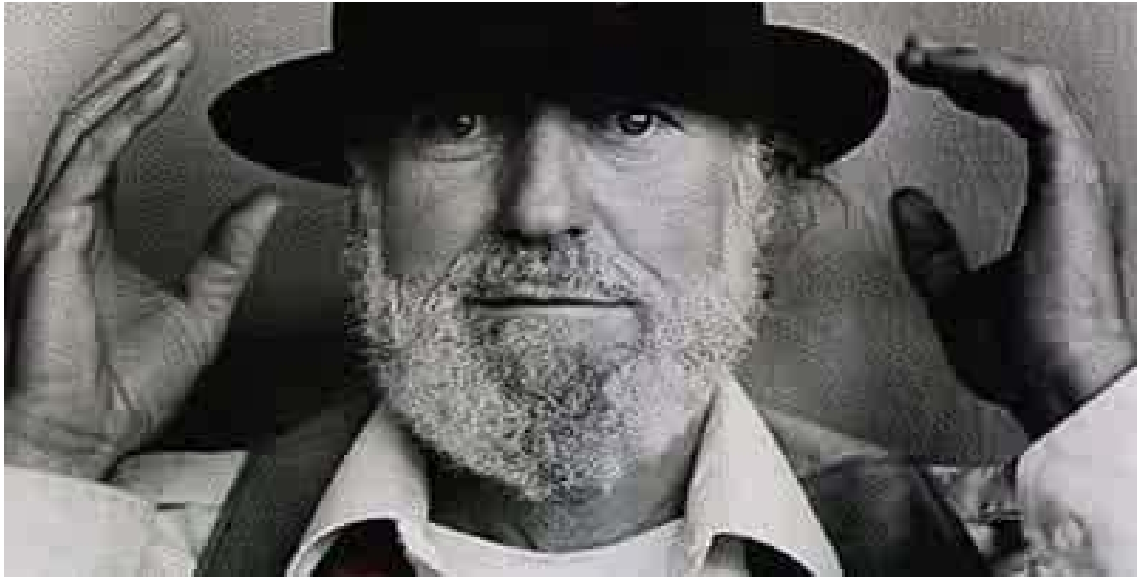


E-BOOK



POEMAS ESCOLHIDOS DE:

Lawrence Ferlinghetti

POESIA NORTE AMERICANA



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

" SOU UMA LÁGRIMA DO SOL, SOU O
HOMEM DOS POEMAS DESPENTEADOS,
SOU UMA COLINA DE POESIA "
(*Lawrence Ferlinghetti*)

16 POEMAS:

1- E OS ÁRABES FAZIAM PERGUNTAS TERRÍVEIS

2- CAFÉ NOTRE DAME

3- TUDO MUDA E NADA MUDA.

4- ESTOU À ESPERA

5- AUTOBIOGRAFIA

6- CÃO

7- CONFISSÃO A SÉRIO

8- A BOCA DA VERDADE

9- FAZENDO AMOR EM POESIA

10- AO LONGE SOBRE UM PORTO CHEIO...

11- QUANTO EU SAIBA ELA TALVEZ FOSSE MAIS FELIZ...

12- ERA UM ROSTO QUE AS TREVAS MATARIAM...

13- O OLHO DO POETA OBSCENO VENDO...

14- SAUDAÇÃO

15- CAVALOS AO AMANHECER

**16- DOIS VARREDORES DE RUA NUM CAMINHÃO, DOIS RICAÇOS
NUM MERCEDES**

17- COME LIE WITH ME AND BE MY LOVE

18- HEAVEN...

19- O QUE ELA IA DIZER PRO URSINHO FANTÁSTICO...

20- SOBRE LAWRENCE FERLINGHETTI

E os árabes faziam perguntas terríveis

E os árabes faziam perguntas terríveis
e o Papa não sabia o que dizer e as pessoas
corriam de um lado para o outro em sapatos de
madeira perguntando para que lado estava virado o rosto
de Midas e toda a gente dizia

Não em vez de Sim

Enquanto nos Jardins do Luxemburgo
nas fontes dos Médicis estavam
para sempre imóveis os
peixes dourados vermelhos grandes e os peixes
dourados brancos grandes
e as crianças correndo à roda do lago
apontando com o dedo e esganiçando-se:

Des poissons rouges!

Des poissons rouges!

Mas foram-se embora
e uma folha desprende-se da árvore
e a caiu no lago
e ficou à tona de água como um olho a piscar círculos
e depois o lago ficou muito

tranquilo

e só lá ficou um cão
sem fazer nada
na borda do lago
a olhar para baixo
para os peixes em transe
e sem ladrar
nem dar ao ridículo rabo nem
nada

de modo que
então por um momento
no crepúsculo do final de Novembro
o silêncio pendeu como uma idéia perdida
e uma estátua virou

a cabeça

pictures of the gone world
trad. José palla e carmo
cadernos de poesia
dom quixote
1972

Café Notre Dame

Uma espécie de trauma sexual
prende um casal abismado
Ele está segurando as duas mãos dela
nas suas
Ela está beijando as mãos dele
Estão olhando-se
nos olhos
de muito perto
Ela tem um casaco de peles
feito duma centena de coelhos correndo
Ele
tem um casaco clássico sombrio
e calças cinza-de-pardo
Agora estão a examinar as palmas
das mãos um do outro
como se fossem mapas de Paris
ou do mundo
como se estivessem à procura do Metrô
que os levasse juntos
através dos caminhos subterrâneos
através das «estações do desejo»
até ao terminal do amor
até às portas da cidade-luz
É um caso sem saída
e estão perdidos

nas linhas cruzadas
das suas palmas enlaçadas
suas linhas de cabeça e linhas de coração
suas linhas de sorte e linhas de vida
ilegíveis e misturadas
no mons veneris
da sua paixão

In “A boca da verdade”, Antologia Portuguesa
Trad. André e Isabelle Lima
1986

Tudo muda e nada muda.

Tudo muda e nada muda.
Séculos findam
e tudo continua
como se nada findasse.

Como nuvens estáticas a meio-vôo
Como dirigíveis presos contra o vento.
E a urbana febre das feras do cotidiano
ainda domina as ruas. Mas ouço cantarem
ainda agora as vozes dos poetas
mescladas ao grito das prostitutas
na velha Mannahatta
ou na Paris de Baudelaire,
chamados de pássaros ecoam
nas ruelas da história
renomeados.

E agora são os Novecentos
e a Bolsa quebrou de novo.
E meu pai vagabundeia aqui perto com toda a sua coragem
os olhos na calçada
uma única lira italiana
e um penny com a figura da cabeça de
um indiano
no bolso
Traficantes de bebidas e carros fúnebres passam
em câmara lenta.
Enquanto ternos novos correm para o trabalho
em arranha-céus que oscilam.

Tradução: Ronaldo Werneck

Estou à espera

Estou à espera que seja a vez do meu caso
e estou à espera
de um renascimento do maravilhoso
e estou à espera de alguém
que descubra realmente a América
e se lamente
e estou à espera
da descoberta
de uma nova fronteira simbólica no Oeste
e estou à espera
que a Águia Americana
estenda realmente suas asas
e se erga e voe pelo bom caminho

e estou à espera
que a Era da Ansiedade
caia morta
e estou à espera
duma guerra que virá
preparando o mundo
para a anarquia
e estou à espera
da decadência definitiva
de todos os governos
e estou perpetuamente à espera
de um renascimento do maravilhoso
Estou à espera da Segunda Vinda
e estou à espera
dum renascimento religioso
que se alastre pelo estado do Arizona
e estou à espera
que as Vinha da Ira sejam armazenadas
e estou à espera
que elas comprovem
que Deus realmente é Americano
e estou à espera s sem me rir
que Billy Graham e Elvis Presley
troquem seus papéis a sério
e estou à espera
de ver Deus na televisão
empoleirado nos altares das igrejas
caso eles consigam
apanhar o bom canal
para sintonizar Deus
e estou à espera
que a Última Ceia seja servida novamente
com um novo estranho aperitivo
e estou perpetuamente à espera
de um renascimento do maravilhoso

Estou à espera que chamem o meu número
e estou à espera
do final vivo
e estou à espera
que meu velho volte para casa
com bolsos cheios
de dólares de prata radioativa
e estou à espera
que acabem as experiências atômicas
e estou à espera alegremente
que as coisas piorem
para depois melhorarem
e estou à espera
que o Exército da Salvação
tome conta da situação
e estou à espera
que a multidão humana
algures caia numa falésia abaixo
agarrada a seu guarda-chuva atômico
e estou à espera
que o Ike actue
e estou à espera
que os humildes sejam abençoados
e herdem a terra
sem pagar impostos
e estou à espera
que as florestas e os animais
reclamem a terra como sua
e estou à espera
que se descubra uma maneira
de acabar com todos os nacionalismos
sem matar ninguém
e estou à espera
que os periquitos e os planetas caiam como chuva
e estou à espera que os amantes e as choradeiras

se deem juntos novamente
num novo renascimento do maravilhoso
Estou à espera
que a Grande Barreira seja atravessada
e estou ansiosamente à espera
que o segredo da vida eterna
seja descoberto
por um obscuro clínico geral
e me salve para sempre da morte certa
e estou à espera
que a vida comece
e estou à espera
que os temporais da vida passem
e estou à espera
de soltar velas e zarpar para a felicidade
e estou à espera
que iam Mayflower reconstruído
chegue a América
com sua história aos quadradinhos
e direitos da TV vendidos desde já aos nativos
e estou à espera
que a melodia perdida ressoe novamente
no Continente perdido
num novo renascimento do maravilhoso
Estou à espera do dia
em que tudo se esclareça e
estou à espera
que o Old Man River
deixe de correr
pelos arredores do Country Club
e estou à espera
que o extremo sul
deixe de se reconstruir
à sua própria imagem
e estou à espera

que um carro des-segregado
me leve de volta a antiga Virgínia
e estou à espera
que a antiga Virgínia descubra
porque é que nascem os negros
e estou à espera que Deus espreite
da Montanha das Espreitadelas
e se aperceba que a Ode aos Confederados Mortos
na verdade é uma farsa
e estou à espera do castigo
pelo que a América fez ao Tom Sawyer
e estou perpetuamente à espera
de um renascimento do maravilhoso
Estou à espera que o Tom Swift cresça
e estou à espera
que o rapaz Americano
arranque as roupas à Beleza
e se ponha em cima dela
e estou à espera
que Alice no País das Maravilhas
me retransmita
seu integral sonho de inocência
e estou à espera
que o Cavaleiro Rolando atinja
a última e mais sombria torre
e estou à espera
que Afrodite
germine armas vivas
numa conferência final de desarmamento
num novo renascimento do maravilhoso
Estou à espera
do sentir algum prenúncio
da imortalidade
relembrando minha infância
e estou à espera

que voltem as manhãs de esperança
que voltem os campos verdes da juventude
e estou à espera
que acorde de arte espontânea
percorram minha máquina de escrever
e estou perpetuamente a espera
o grande e indelével poema
e estou à espera
pelo último longo êxtase desleixado
e estou perpetuamente a espera
que os fugidios amantes da Ânfora Grega
consigam finalmente agarrar-se
e enlaçar-se
e estou à espera
perpetuamente e para sempre
de um renascimento do maravilhoso

Autobiografia

A vida que levo é muito sossegada

Passo os dias no café do Mike

admirando os campeões

de bilhar do grupo Dante

e os viciados de matraquilhos

A vida que levo é muito sossegada

na zona leste de Broadway

Sou americano

fui um rapaz americano

Lia o Magazine dos Rapazes Americanos

e tornei-me escuteiro

nos subúrbios

Julgava-me o Tom Sawyer

pescando caranguejos no rio Bronx

pensando no Mississippi

Tive uma luva de baseball

e uma bicicleta American Flyer

Distribuí o Woman's Home Companion

às cinco da tarde

ou o Herald Tribune

às cinco da manhã

Ainda ouço o jornal cair

em terraços esquecidos

Tive uma infância infeliz

Vi Lindberg aterrar

Olhei para a minha terra

mas não vi anjo nenhum

Fui apanhado a roubar lápis

num bazar barato

no mesmo mês fui promovido

a Escuteiro Chefe

Derrubei árvores para o Grêmio da Agricultura

e sentei-me nelas

Desembarquei em Normandia

num barco a remos que virou

Vi exércitos educados

na praia de Dover

Vi pilotos egípcios em nuvens purpúreas

negociantes enrolando seus toldes

ao meio dia

salada de batatas e dente de leão

em piqueniques anarquistas
Estou a ler «Lorna Doone»
e uma biografia de John Most
o terror dos industrialistas
sempre com uma bomba na gaveta

da escrivaninha

Vi os lixeiros desfilarem
no dia comemorativo de Colombo
atrás das fanfarras ruidosas

Há tempos que não vou visitar os Claustros
ou as Tuileries

mas continuo a pensar lá ir

Vi os lixeiros desfilarem
debaixo da neve

Comi cachorros quentes nas feiras

Ouvi o Discurso de Gettysburg
e o Discurso do Ginsberg

Gosto disto por aqui
e não voltarei para onde vim
Também eu viajei em vagões de carga
vagões de carga vagões de carga
Viajei no meio de desconhecidos
Estive em Ásia
Estive com Noé na Arca
estava na Índia
quando Roma foi construída
Estive na Manjedoura com o burro
Vi o distribuidor eterno
Ouvi um trombone pregar
Ouvi Debussy
filtrado por um lençol
Dormi numa centena de Ilhas
onde os livros eram árvores
Ouvi os pássaros
chilreando como sinos

Usei calças de flanela cinzenta
e caminhei pela praia do inferno
Vivi numa centena de cidades
onde as árvores eram livros
Que metros que táxis que cafés
Que mulheres de seios cegos
membros perdidos entre arranha-céus
Vi as estátuas dos heróis
nas encruzilhadas
Danton chorando na entrada do metro
Colombo em Barcelona
apontando p'ro oeste nas Ramblas
rumo ao American Express
Lincoln no seu trono de rocha
e um enorme Rosto de Pedra
no Dakota do Norte
Bem sei que o Colombo

não inventou a América

Ouvi uma centena de Ezra Pounds domesticados

Deviam soltá-los todos

Já passou muito tempo desde que fui pastor

A vida que levo é muito sossegada

Passo os dias no café do Mike

lendo os anúncios classificados

Li duma ponta a outra

as Selecções do Reader's Digest

e notei a perfeita identificação

entre os Estados Unidos e a Terra Prometida

Já que em todas as moedas está marcado

da Montanha Branca

ao sul de São Francisco

Vi a Mulher que Ri no Luna Parque

ao pé da Barraca das Gargalhadas

sob uma tempestade de chuva

sempre a rir-se

Ouvi os ruídos da noite
das grandes pândegas
Tenho vagueado tão só
como as multidões solitárias
A vida que levo é muito sossegada
Passo os dias à porta do café do Mike
a ver o mundo passar
em curiosos sapatos
comecei uma vez
uma volta ao mundo a pé
mas desisti em Brooklyn
Essa ponte era demais para mim
Já tentei o silêncio
o exílio e a astúcia
Voei demasiado perto do sol
e as minhas asas de cera derreteram-se
Ando à procura do meu Velho

que nunca conheci

Ando à procura do Líder Perdido

com quem voei

Os jovens deviam ser exploradores

O lar é o ponto da partida

Mas minha mãe nunca me disse

que podia haver cenas destas

Útero-cansado

descanso

Tento viajado

Visitei a cidade dos fantasmas

Conheço as massas amaçadas

Ouvi chorar o Kid Ory

«Confiamos em Deus»

mas nas notas de dólar não há nada inscrito

porque elas próprias já são Deus

Leio diariamente os anúncios «precisa-se»

a procura duma pedra duma folha

duma porta esquecida
Ouço a América cantar
nas Páginas Amarelas
Quem diria que a alma passa crises
Leio todos os dias os jornais
e noto a ausência da humanidade
nessa triste pletora da imprensa
Vejo que esvaziaram o Lago de Walden
para pôr lá um parque de diversões
Vejo que estão a obrigar o Melville
a comer sua própria, baleia
Vejo que vem aí uma nova guerra
mas não serei eu quem vai lutar nela
Li os grafittis do destino
nas paredes dos urinóis
Fui eu quem ajudou o Kilroy a escrevê-los
Marchei pela Quinta Avenida acima

tocando clarim num severo pelotão
mas voltei rápido para o Casbah
à procura de meu cão
Noto alguma semelhança entre os cães e eu
Os cães são os verdadeiros observadores
correndo os quatro cantos do mundo
na terra de Molloy
Passei-me por vielas
estreitas demais para Chryslers
Vi uma centena de carroças de leite sem cavalo
num terreno baldio nas Astúrias
Ben Shahn nunca as pintou
mas elas lá estão retorcidas nas Astúrias
Tenho ouvido o grito do sucateiro
percorri super-auto-estradas
e acreditei na promessa dos cartazes
Atravessei as planícies de Jersey
vi as suas cidades

e rebolei-me nas terras ermas de Westchester

com bandos errantes de nativos

em vagões de carga

Tenho-os visto

Sou o homem

Estive lá

Sofri um pouco

Sou americano

Tenho passaporte

Mas não sofri em público

E sou jovem demais para morrer

Sou um selfmademan

Tenho planos para o futuro

Estou na bicha para um bom emprego

Talvez me mude para Detroit

Por enquanto vendo gravatas

Sou um Zé Ninguém

Sou um livro aberto para o meu patrão

Sou um mistério impenetrável

para os meus amigos íntimos

A vida que levo é muito sossegada

Passo os dias no café do Mike

contemplando o umbigo

Sou uma parte da longa loucura do corpo

Tenho vagueado por bosques noturnos

Tenho-me apoiado em portais bêbados.

Tenho escrito histórias frenéticas

sem pontuação

Sou o homem

Estive lá

Sofri um pouco

Sentei-me em cadeiras de cansaço

Sou uma lágrima do sol

Sou a colina onde os poeta trepam

Inventei o alfabeto

depois de observar o vôo das garças

que faziam letras com as pernas

Sou um lago na planície

Uma palavra numa árvore

Sou uma colina de poesia

Sou uma razia no inarticulado

sonhei que os dentes todos me caiam

mas a minha língua sobrevivia

para dizer como foi

Pois sou um silêncio poético

Sou um banco de canções

Sou um piano mecânico

num casino abandonado

numa esplanada à beira-mar

num nevoeiro espesso

mas sempre a tocar

Vejo uma semelhança

entre a Mulher que Ri e eu
Ouvi o som do verão na chuva
Vi raparigas em passadeiras de tábua
com estranhas sensações
compreendo suas hesitações
Sou um coletor de fruta
Vi como os beijos causam euforia
Corri o risco de ficar encantado
Vi a Virgem
numa macieira em Chartres
e Santa Joana ardendo em Bella Union
Vi girafas em selva-ginásios
seus pescoços como o amor
entrelaçados nas circunstâncias de ferro
deste mundo
Vi Vênus Afrodite
em seu corredor ventoso
Ouvi uma sereia cantar

na Quinta Avenida
Vi a deusa branca bailando
na Rue des Beau' Arts
no dia 14 de Julho
e a Bela Dama sem Mercê
com o dedo no nariz em Chumbley's
Ela não falava inglês
Tinha cabelos amarelos e voz rouca
e nenhum pássaro cantava
A vida que levo é muito sossegada
passo os dias no café do Mike
observando os jogadores de bilhar de bolsa
nesse cenário ministroni
devorando macarroni
e li algures
o Significado da Existência
mas esqueci exactamente onde

Sou o homem

E estarei lá

E talvez faça despertar os lábios

da gente adormecida

E talvez transforme em folhas de relva

meus cadernos de apontamentos

E talvez escreva meu anônimo epitáfio

pedindo aos cavaleiros

que não se detenham

Cão

O cão trota livre pela rua

e vê a realidade

e as coisas que ele vê

são maiores do que ele

e as coisas que ele vê

são a realidade dele

Bêbados pelas portas

Luas suspensas nas árvores

O cão trota livre pela rua

e as coisas que ele vê

são mais pequenas que ele

Peixe em folha de jornal

Formigas em buracos
Galinhas nas vitrinas de Chinatown
de cabeças a um quarteirão de distância
O cão trota livre pela rua
e as coisas que cheira
cheiram um pouco como ele
O cão trota livre pela rua
passa por poças e bebês
gatos e charutos
salas de jogo e polícias
Ele não tem raiva aos polícias
apenas não lhe dizem respeito
e passa por eles
e passa por vacas mortas pendura as inteiras
frente ao Mercado de Carnes de São Francisco
Ele preferia comer uma vaca tenra
a um duro polícia
embora tanto um como outro possam servir
E passa pela Fábrica de Massas Italianas Romeo
e pela torre Coit
e pela estátua do Congressista Doyle
Ele tem medo da torre de Coit
m não tem medo do Congressista Doyle embora o que ouve seja muito
desanimador muito deprimente
muito absurdo
para um jovem cão triste como ele
para um cão sério como ele
Mas tem o seu próprio mundo livre para viver
as suas próprias pulgas para morder
e não aceitará o açaimé
Para ele o Congressista Doyle
é mais uma bomba de incêndio na rua
O cão trota livre pela rua
tem a sua própria vida para viver
e para pensar

e para refletir
tocando provando e experimentando tudo
investigando tudo
sem benefícios nem dúvidas
um realista real
que tem um conto real para contar
e uma cauda real para o contar
um cão que ladra realmente
vivo
democrático
envolvido na real
livre iniciativa
com alguma coisa a dizer
sobre a ontologia
alguma coisa a dizer
sobre a realidade
e como a ver
e a ouvir
com a cabeça sempre de lado
nas esquinas
como se lhe estivessem
a tirar o retrato
para os discos Victor
ouvindo
a Voz do Dono
fazendo lembrar
um ponto de interrogação vivo
virado para o grande gramofone
da existência intrigante
com seu prodigioso corno oco
que parece pronto
a cuspir uma resposta
alguma resposta Vitoriosa
para tudo

Confissão à sério

Fui concebido no verão 1918
(ou era 38)
durante uma guerra qualquer
o que não impediu duas pessoas
de fazer amor em Ossining esse ano
gosto de imaginar isso ao sol nas margens dum rio
durante um piquenique ao pé do Hudson
como num quadro da escola de Hudson
ou então no Bear Mountain talvez
depois de ter apanhado o antigo paddlewheel a vapor
(talvez tenha acrescentado o paddlewheel —
O Hudson é o meu Mississipi).
E de regresso ela
trazia-me já
dentro dela
eu Lawrence Ferlinghetti
arrancado da obscuridade de minha mãe há muito tempo
nascido num pequeno quarto —
No quarto do lado meu irmão ouviu
o primeiro grito
muitos anos depois escreveu-me —«coitadinha da mãe - sem marido -
sem dinheiro - pai morto Como agüentou ela tudo isso —»
Alguém me espremeu o coração
para a pôr a andar
Gritei e saltei
Olho aberto Coração aberto a mais
onde vagueio
Gritei e saltei
no coração do mundo
Levado

por um outro que desconhecia
E qual eu conhecerá meu irmão?
«Sou filho de mim mesmo sou minha mãe, meu pai,
Nascido de mim próprio
minha própria carne mamada»
E alguém me espremeu o coração
para me pôr a andar
E pus-me a fazer
o meu número
Era um brinquedo de dar à corda
que alguém deixou cair
num mundo já gasto
O mundo girava já
há muito tempo
mas não fazia diferença
estava novo estava como novo
tornei-o novo
e vi-o brilhar
e brilhava ao sol
e girava ao sol
e o eixo que fiava
era de pura luz
Minha vida estava feita
de eixos de luz
As teias d'aranha da Noite
não estavam nela
não faziam parte dela
Era demasiado brilhante
de ver
demasiado luminoso
para fazer uma sombra
e havia um outro mundo
por detrás das cortinas brilhantes
bastava fechar os olhos
para que outro mundo surgisse

tão perto e tão querido
que só podia ser eu mesmo
meu eu interior
onde tudo o que é real
havia de acontecer
neste lugar que existe ainda
em mim
e que não mudou muito
certamente menos
que o exterior
com seu saco de pele
e sua «barba d'alumínio»
e seus olhos azuis azuis
que vêm como um só olho
no meio da testa
onde tudo acontece
salvo o que acontece
no coração
vajra lótus coração de diamante
no qual leio
o poema que não tem fim

A boca da verdade

Será isto a boca da Verdade
no rosto desta mulher
atravessando a Piazza
«Bocca della Verita»
Onde se ergue a grande pedra redonda
no pórtico da igreja em Cosmedin
De seus pequenos pés
ela ultrapassa

o Templo das virgens
o Templo do falus
e a rua da misericórdia
Ela não se ajoelhou
em nenhuma igreja
Ela trota em tacões bem altos
tem óculos em cristal de rocha
e umas calças muito bem cortadas
Ela tem um belo rosto
estragado por rouge à lèvres
numa tentativa falhada
tudo salvo a Verdade
Ela podia ser a filha de um Shah
mas não o é
Ela é uma secretária
demorada no escritório
O patrão estava odioso
esta noite
sua boca deve ter respondido
seus lábios vermelhos poderiam bater
não importa qual língua
Ela é dura à sua maneira
mas nem tanto dura
Ela tem seus pontos fracos
seu lábio inferior
é muito delicado
podem ver-se outros pontos fracos
daí
Ela tem um cigarro aceso
na mão direita
a mesma mão que podia ter
metido na boca da Verdade
essa grande pedra pagã redonda
na boca da igreja
que vos morderá a mão

se vós escondereis uma mentira
Ela não meteu sua cabeça
na boca do leão
sua mão esquerda tem anéis
nos dedos errados
Este ano
Ela não tem namorado
mas tem seu cigarro
vê-se bem que é um amigo íntimo
na maneira como ela o carícia
É um cigarro de filtro
Ela está impaciente
de se deitar Na cama
na obscuridade
com sua camisa
a janela aberta
lá fora uma árvore
de manhã um pássaro
Ela fuma seu cigarro
com a boca da Verdade
em volta do filtro
que filtrou tudo
salvo a Verdade
a Verdade passará
a Verdade sairá
a boca abrir-se-á
quando adormecer de costas
perto da janela aberta
perto da árvore
de folhas como lábios
O lábio inferior tão delicado
vai tremer
de sua garganta sairá um som profundo
a língua mensageiro mudo
com sua verdade sem palavras

A quem o dirá ela
em qual sonho
e qual «sombrio pombo
de língua vibrante»
passará debaixo do horizonte
de sua espera?

Traduções de André Shan Lima e Isabelle Lima, de Lawrence Ferlinghetti, A boca da verdade,
Edição de Autor e tradutores, 1986, La Garenne, France

Fazendo amor em poesia

a partir de A. Breton

Numa guerra onde cada segundo conta
o Tempo cai no chão
como a sombra de uma árvore
debaixo da qual nós dormimos
num barco de madeira feito da árvore
por um carpinteiro desconhecido
além do mar
onde flutuam caroços de pêssegos
disparados por um artilheiro a cabo de
munições
com um canhão do qual a boca arranca
buracos em forma de coração
ao horizonte da nossa carne
moída de sol
muda de estupefação
entre o ato do sexo
e o ato da poesia
planeando no ar que escurece

no momento do amor e do júbilo
não há clarividência
sob a miséria do mundo.

(Tradução de André e Isabelle Lima.)

Ao longe sobre um porto cheio...

Ao longe sobre um porto cheio
de casas sem calefação
em meio às chaminés de navio
de um telhado mastreado de varais
uma mulher hasteia velas
sobre o vento
expondo seus lençóis matinais
com pregadores de madeira
Oh mamífero adorável
seus seios seminus
arrojam sombras retesadas
quando ela se estica
para pendurar de alma lavada
seu último pecado
mas umidamente sensual
ele se enrola nela
agarrado à sua pele
Capturada assim de braços
erguidos
ela atira a cabeça para trás
numa gargalhada muda
e num gesto espontâneo
espalha então cabelo dourado

enquanto nas inatingíveis paisagens marinhas
entre lonas brancas e enfunadas
sobressaem radiantes os barcos a vapor
para o outro mundo

[Tradução: Nelson Ascher]

Quanto eu saiba ela talvez fosse feliz...

Quanto eu saiba ela talvez fosse mais feliz
que qualquer um
aquela anciã solitária de xale
no trem com caixotes de laranja
com o passarinho manso
no seu lenço
e sussurrando-lhe
todo o tempo
mia mascotta
mia mascotta
sem que nenhum dos excursionistas de
domingo com seus cestos e garrafas
prestasse qualquer
atenção
e o vagão
chiava através dos trigais
tão devagar que

borboletas

entravam e saíam

[Tradução: Nelson Ascher]

Era um rosto que as trevas matariam

Era um rosto que as trevas matariam
num instante
um rosto facilmente magoável
por riso ou luz

"*Pensamos* diversamente à noite"
disse-me certa vez
reclinando-se languidamente

E citaria Cocteau

"Sinto que há um anjo em mim" diria
"que eu abalo
constantemente"

Sorriria então olhando a esmo
me acenderia um cigarro
sorrindo e se erguendo
e estirando
sua doce anatomia

deixaria cair uma meia

[Tradução: Nelson Ascher]

O olho do poeta obsceno vendo

O olho do poeta obsceno vendo
vê a superfície do mundo redondo
com seus telhados bêbados
e pássaros de pau nos varais
e suas fêmeas e machos feitos de barro
com pernas em fogo e peitos em botão
em camas rolantes
e suas árvores de mistérios
e seus parques de domingos no parque e estátuas sem fala
e seus Estados Unidos
com suas cidades fantasmas e Ilhas Ellis vazias
e sua paisagem surrealista de
pradarias estúpidas
supermercados subúrbios
cemitérios com calefação
e catedrais que protestam
um mundo à prova de beijo um mundo de
tampas de privada e táxis
caubóis de butique e virgens de Las Vegas
índios sem terra e madames loucas por cinema
senadores anti-romanos e conformistas
conformados
e todos os outros fragmentos desbotados
do sonho imigrante real demais

e disperso
entre esse pessoal que toma banho de sol

[Tradução: Paulo Leminski]

Saudação

A cada animal que abate ou come sua própria
espécie
E cada caçador com rifles montados em
camionetas
E cada miliciano ou atirador particular
com mira telescópica
E cada capataz sulista de botas com seus cães
& espingardas de cano serrado
E cada policial guardião da paz com seus cães
treinados para rastrear & matar
E cada tira à paisana ou agente secreto
com seu coldre oculto cheio de morte
E cada funcionário público que dispara contra o
público ou que alveja-para-matar
criminosos em fuga
E cada Guardia Civil em qualquer país que
guarda os civis com algemas & carabinas
E cada guarda-fronteiras em tanto faz qual
posto da barreira em tanto faz qual lado de
qual Muro de Berlim cortina de Bambu ou
de Tortilha
E cada soldado de elite patrulheiro rodoviário

em calças de equitação sob medida &
capacete protetor de plástico &
revólver em coldre ornado de prata
E cada radiopatrulha com armas antimotim &
sirenes e cada tanque antimotim com
cassetetes & gás lacrimogênio
E cada piloto de avião com foguetes & napalm
sob as asas
E cada capelão que abençoa bombardeiros que
decolam
E qualquer Departamento de Estado de qualquer
superestado que vende armas aos dois lados
E cada Nacionalista em tanto faz que Nação em
tanto faz qual mundo Preto Pardo ou Branco
que mata por sua Nação
E cada profeta com arma de fogo ou branca e
quem quer que reforce as luzes do espírito
à força ou reforce o poder de qualquer
estado com mais Poder
E a qualquer um e a todos que matam & matam & matam & matam pela
Paz
Eu ergo meu dedo médio na única saudação apropriada

Prisão de Santa Rita, 1968

[Tradução: Nelson Ascher]

Cavalos ao amanhecer

Os cavalos os cavalos selvagens ao amanhecer
como numa aquarela de Ben Shahn
vivos em plena campina
no planalto ao longe

eles galopam
eles bufam
eles trovejam ao longe
seus cascos pequeninos
provocam pequenos trovões
insistentemente
como martelos de madeira batendo
num tambor distante
O sol ruge &
joga as sombras dos cavalos
pra fora da noite

[Tradução: Paulo Henriques Britto]

Dois varredores de rua num caminhão, dois ricaços num mercedes

Esperando a luz verde no sinal
centro de São Francisco, nove da manhã
um brilhante caminhão amarelo de lixo
com dois lixeiros de jaquetas plásticas
[vermelhas
pendurados de cada lado do estribo traseiro
olhando para um elegante casal
num elegante Mercedes conversível
O homem
vestindo ótimo terno de linho de três peças cabelos louros até os ombros
& óculos escuros
A jovem negligentemente penteada
saia curta e meias coloridas
a caminho de seu escritório de arquitetura
E os dois varredores acordados desde às Quatro
da Madrugada

sujando-se por todo o caminho
desde suas casas
O mais velho de cabelos crespos grisalhos
e corcunda
olhando para baixo como um
Quasímodo carrancudo
O mais jovem
também de óculos escuros & cabelos longos quase da mesma idade do
chofer do Mercedes

Os dois varredores olhando fixamente
como se de uma longa distância
o lépido casal
como se assistindo a algum inodoro comercial
de TV
onde tudo é sempre possível

E a luz vermelha por um instante
manteve os quatro juntos na mesma cena
como se afinal alguma coisa fosse possível
entre eles
através daquele grande golfo
nos altos mares
desta democracia

[Tradução: Marcos A. P. Ribeiro]

Come lie with me and be my love

Venha deitar comigo e ser meu amor

Amor minta comigo

Jaza aqui comigo
Ao pé do cipreste
No doce gramado

Onde o vento fenece

Onde o vento perece

Enquanto a noite marca passo

Venha deitar comigo

A noite toda comigo

E me beije até se fartar

E se farte de fazer amor

E deixe nossos eus falarem em par

Por toda a noite ao pé do cipreste
Sem fazer amor

tradução: Cardoso & Santana Translation Productions

Heaven...

_____O céu

_____andava a meio palmo aquela noite

___no recital de poesia

_____escutando frases requentadas
____quando ouvi o poeta ter
_____uma ereção rimada
_____e então mirar a distância
_____com o olhar perdido
____“Todo animal” ele disse finalmente
_____“Depois de transar entristece”
___Mas os casaizinhos do fundão
_____pareciam distraídos
_____e sem estresse

(Pictures of the Gone World, 1955)
Versão brasileira: Cardoso & Santana Translation Productions

O que ela ia dizer pro ursinho fantástico...

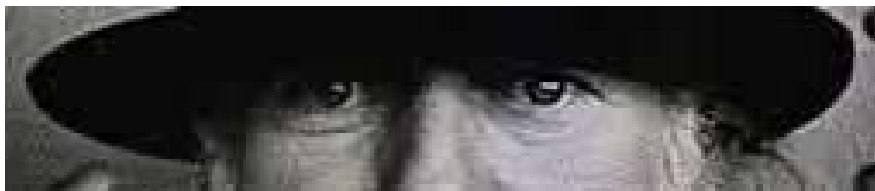
O que ela ia dizer pro ursinho fantástico
e o que ela ia dizer pro seu irmão
e o que ela ia dizer

_____pro gato com patas de oráculo
e o que ela ia dizer pra mãe
depois daquela vez que se deitou deleitosa
_____entre as doces flores
_____na margem quente do regato
_____onde os fetos desfaleciam no ar alquebrado
_____da respiração do seu amado
_____e os pássaros despirocavam
_____e se atiravam
pra saborear ainda quente no chão
_____a semente de esperma esporramada

(A Coney Island of the Mind, 1958)

Versão brasileira: Cardoso & Santana Translation Productions

SOBRE O AUTOR:



Lawrence Ferlinghetti nasceu no dia 24 de Março de 1919 em Nova Iorque. Figura de proa da *Beat Generation*, doutorou-se em poesia na Sorbonne, Paris, com uma tese intitulada: *The City as Symbol in Modern Poetry: In Search os a Metropolitan Tradition*. Fundou, com Peter Martin, a revista *City Lights*, na seqüência da qual nasceria a *City Lights Bookstore*. Acompanhou a sua ação poética com a atividade de editor, iniciando uma coleção intitulada *Pocket Poets* onde viria a publicar o famoso poema de Allen Ginsberg que dá pelo nome de *Howl*. Ferlinghetti foi uma das figuras do movimento Beat mais empenhadas politicamente, motivação que terá ido buscar aos seis meses passados em Nagasaki após a destruição da cidade japonesa no final da Segunda Grande Guerra. O seu primeiro livro data de 1955 e foi publicado na *City Lights: Pictures of the Gone World*.

Digitalizado por :



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

